



rumores e ruídos

## GENEALOGIA DO TURISMO

Aqueles que lamentam a falta de atenção às suas causas, às suas atividades, veem-se frequentemente constrangidos pela mesma explicação: “Já não há mais tempo”. Não temos mais tempo para nos debruçarmos sobre um livro muito longo, flanarmos pelas ruas ou por um museu, assistirmos a um filme de mais de noventa minutos. Nem tempo de ler um artigo abordando outra coisa distinta dos assuntos familiares. Nem o de militar nem o de fazer o que quer que seja sem sermos logo interrompidos, em todos os lugares, por uma ligação que requer com urgência nossa atenção.

Por um lado, esta falta de tempo decorre da aparição das tecnologias que permitiram... ganhar tempo: a rapidez dos deslocamentos aumentou, a das pesquisas, das transmissões de informações ou das correspondências também, quase sempre, por um custo baixo ou insignificante. Mas, de forma simultânea, a exigência de rapidez continua sobrecarregando o emprego do tempo de cada um, e o número de atividades para realizar se intensificou. Sempre conectados. Impedidos de nos demorarmos. Não temos mais tempo.

Esta é uma tradução livre dos parágrafos iniciais do artigo de Serge Halimi, publicado na edição do mês de outubro do jornal “Le Monde Diplomatique”. Halimi ampara seus argumentos num outro texto que se chama a “A tirania da velocidade”, de Déborah Corrèges.

Sua leitura me faz retomar algumas questões inquietantes e paradoxais que já discuti, em junho, no artigo “Aqui e agora”. Favorecidos pela agilidade de informações e pela interatividade que as tecnologias nos ofereceram, nunca estivemos tão refêns de seu poder opressor e tão incapazes de contemplar o que quer que seja. A obrigação de ter que processar todas as informações que nos açoitam com a velocidade da luz rouba a possibilidade e a capacidade de mergulharmos numa leitura mais longa e de nos perdermos num museu tragados pelas várias temporalidades que nos apresentam.

Já me preparando para retornar ao Brasil, ainda perdida entre ruas, igrejas,



museus, teatros e outros mares, vou me despedindo da conjugação do verbo flunar, premissa pelas solicitações urgentes que me chegam daí. Mas, antes de partir, quero registrar algumas impressões sobre dois tipos de turismo, categorizados a partir do uso do tempo:

1º-“O turismo planificado”: Neste caso, nenhum tempo a perder, nada que possa escapar ao olhar e ao entendimento. Hordas de turistas teleguiados por fones com informações plurilíngues e zoons obscenos, prontos a capturar detalhes imperceptíveis até mesmo ao próprio artista. Nenhum tempo a desperdiçar numa “flânerie” despreziosa. O império da otimização: o máximo de informações no menor tempo possível. Para isso, os cliques das máquinas digitais asseguram que nada ficará para trás. Sob este regime, contemplar, olhar com vagar e embevecimento, é assassinar o tempo. E não há mais tempo a perder...

2-“O turismo desobediente”: A foto que também escreve este artigo é das muitas que tirei para me certificar de que não há nada de paradoxal, na realidade do europeu mediano, entre a leveza do descanso na praia, à beira da piscina, em cafés, e as brochuras que carregam tais turistas. Livros grandes, porém nem sempre pesados em seu conteúdo. Boa parte certamente best-sellers. Mas companhias fiéis para todas as idades. Vi casais no mais absoluto silêncio, lado a lado, horas a fio, lendo. Crianças com “O juramento de Dragon”, da série “The House of Night”, carregando, com uma mão, a prancha de body bord e, com a outra, o livrão. Cena comovente. Pessoas lendo em tablets, kindles etc. Pessoas lendo ávidas, desperdiçando em brochuras o tempo “a priori” milimetrado.

Como diz Serge Halimi, as tecnologias nos impõem um grande número de tarefas que consomem boa parte desse nosso tempo evanescente. Como explicar, então, o silêncio de alguns turistas diante de um livro se não for pela entrega à sedução da imaginação que as narrativas podem criar? Estes são os turistas desobedientes que ainda apostam em alguma “flânerie” e se deixam capturar pelas garras de uma boa história, bem escrita ou não.

O fato é que a leitura deveria ser da ordem da contemplação, do



rumores e ruídos

dispêndio, da desobediência, assim como o turismo.

